



**Mariana Arraes de Alencar<sup>i</sup>**

A cidade se faz antiga

Onde andar  sua alma g mea,  
Menina,  
Aquela presença conhecida e amiga,  
Por que ruas,  
No verde e azul das tardes,  
Nas esquinas molhadas da cidade tropical,  
Reconhecíveis pela umidade da emoo  
Ao ver surgir um prédio familiar,  
Antigo, ou dos anos 60;  
Ainda caminhar  quase incólume  
Pelas ruas de casas e quintais?

Fixando a correnteza do rio,  
Que vai filtrando lembranças, avenidas,  
O mapa da cidade do corao de então,  
(De quando ele lhe deu a mão,  
Perto do Parque Treze de Maio),  
Desaparece na curva das águas com o outono de sua alma,  
Ficando tão longe como num sonho,  
Ou um instante.

Recife, 30.05.12

A vida tem quintais

O prazer reencontrado,  
Nuvem azul,  
Passarinho e violão.

Ele clarifica meu mundo,  
Com a cabeça assim,  
Meio para o lado,  
E tudo se resolve  
E se perdoa.

Numa cerimônia de quase adeus,  
No espaço entre a escrivaninha e a cama,  
Surgiu uma passagem urgente para um bosque,  
E tive que andar.  
Reencontrei nos seus olhos de hoje  
A mesma estrada para o quintal do coração,  
Um pouco selvagem, um tanto doce.

Recife, 09.08.12

Augusto

Um encontro verde no coração  
Boticário de infância  
De outras vidas.

Um porto no sertão,  
O peito que de repente se abre  
A lição que abriga.

Fonte que surge em minha própria alma  
Que borbulha de clareza  
E o amor reaparece como uma canção.

O conforto vem da sua voz com tons de azuis nas vogais.

## Banho tropical

Naquela atmosfera de depois do banho,  
Talco, frescor tropical,  
As crianças sentiam-se lavadas das malas-artes,  
Voluntárias ou inconscientes,  
Brincadeiras,  
Os cabelos molhados abriam-lhes uma perspectiva na frente;  
Os trópicos faziam sentido então:  
Chuveiros chovendo dentro e fora,  
Nos jardins pulsavam promessas verde-claras de carambolas,  
As tardes se recolhiam nas árvores  
Em luz ruiva azul.

Eu não sabia,  
Tudo ficou diferente depois,  
Brincando nas ruínas de um anfiteatro romano,  
Na África,  
Em tardes que impeliam ao longe a ideia de banho,  
Para além da poeira seca das tardes de verão,  
Luminosas, amarelas como chimchas(\*) de casca crestada,  
Lembrando nossos joelhos infantis.

Adolescente, trópicos de volta,  
A infância partida não se reconstituiu brasileira,  
Nem vivi maio de 68,  
Que confundi com a saga de Gregório, com o que sofreu Arruda,  
Uma melancolia de não ter crescido em quintais de goiabeiras  
Onde nascem pressentimentos de sacis.

Hoje, adulta-criança,  
Recife em fast forward,  
O coração se acalma em mandalas,  
Rosas e romãs se aprofundam em mosaicos,  
Tempo de uma tarde nas ruínas mediterrâneas.

(\*) Nêspêra em árabe dialetal argelino.

Dimanche

Driving by peaceful streets,  
Cool borders of our hearts  
Cutting out shapes  
Through memories,  
We move in the alleys  
Et les arbres se joignent  
En ombres chinoises,  
Armoires de l'enfance  
Dans les cieux,  
Les mémoires en liberté dansent  
Dans les tournants.

Nos découpages intérieurs  
S'épousent d'arbres,  
Se dissipent au retour  
Dans les couleurs des gens qui passent,  
Dans l'adieu de ma main sur tes cheveux doux.

10.2013

Domingo (Tradução)

Passando de carro por ruas calmas,  
As margens suaves do coração  
Recortam imagens através das lembranças;

Nas aleias  
As copas das árvores se encontram  
Em teatro de sombras,  
Abrem armários  
Da infância nos céus  
Libertando memórias que  
Dançam nas curvas.

Nossos recortes interiores  
Fundem-se às árvores,  
Se dissolvem na volta  
Nas cores dos transeuntes,  
No adeus de minha mão em seus cabelos macios.

10.2013

## Stranger

Flowers trembled in the silent heat of  
the patio,  
Birds and a squirrel ate rests of food.

A small dog approached smoothly  
Sailing the heat,  
Chestnut cloud.

The birds flew like a score  
While the squirrel climbed  
The wall tenderly,  
Declaring its delicious  
And soft solitude,  
Evoking Peter Pan,  
Flute note flight.

I saw myself in him,  
Odd, odd, among Asian culture,  
Abound of dreams, nature, messages,  
But I was the soul  
That could not fly.

Estrangeira (Tradução)

Flores vibravam no silêncio do calor do pátio  
Passarinhos e um esquilo comiam sobras.

Um cachorrinho se aproximou mansamente,  
Navegando no calor,  
Nuvem castanha.

Os passarinhos voaram como uma partitura  
Enquanto o esquilo subiu ternamente o muro  
Declarando sua deliciosa  
E suave solidão,  
Evocando Peter Pan,  
Doce nota de flauta.

Reconheci-me nele  
Estranha, estranha, em meio à cultura da Ásia,  
Abundante em sonhos, natureza, mensagens,  
Mas eu era a alma  
Que não podia voar.

## Lights

When I last  
Passed by your home  
A quiet afternoon sun  
Filtered through sidewalk trees  
Was playing at your front steps.

Somewhere,  
In the core  
Of that light,  
In its very silence,  
I recognized old dreams of deliverance  
Playing on your room walls  
In the reflection of the lights of passing cars,  
In the tender waves of the early morning sun.

A fresh wind blew  
And the light was suddenly  
Permeated by fulfilling hope.

Love was all around  
Light angel ball  
Deep roots of the self  
But you had gone.

21.03.98

### Luzes (Tradução)

Quando passei pela última vez por sua casa,  
Um suave sol de tarde,  
Filtrado pelas árvores na calçada,  
Brincava nos degraus da frente.

Em algum lugar,  
No coração desta luz,  
No seu silêncio profundo,  
Reconheci velhos sonhos de libertação  
Que brincavam nas paredes do seu quarto  
No reflexo da luz dos carros passando,  
Nas ternas ondas  
Do sol da manhã.  
Uma fresca brisa soprou  
E a luminosidade de repente  
Preencheu-se do aconchego  
De uma esperança gratificante.

Havia amor em volta  
Bola de anjo de luz  
Profundas raízes do ser  
Mas você havia partido.

21.03.1998

## Quelques Églises

L'orgue joue dans nos coeurs  
Ce qui échappe des dimanches;  
Les regards s'épandent  
La pensée s'évapore  
Dans la paix cintillante des vitraux.

Les os sur le bois dur  
Reposent la douleur de l'âme;  
J'allume un cierge en tremblant,  
À la rescousse  
De ma propre flamme.

Croix de cendres au front,  
Frôlement de phoenix en manteaux d'hiver  
Qui surprend mon esprit endormi,  
Svoboda, Elitza,  
New York,  
Insolite renaissance de l'âme.

Dehors, dans la rue  
C'est l'éternité,  
La bruine grise  
Brise nos regards pâles,  
Nos pensées nous surprennent,  
Fraîches, libres,  
Comme à la campagne!

Recife, 04.05.1987

Certas Igrejas (Tradução)

O órgão toca nos corações  
O que escapa dos domingos;  
Os olhares se expandem e  
O pensamento se esvai  
Na paz cintilante dos vitrais.

Os ossos na madeira dura  
Descansam da dor na alma;  
Acendo, tremendo, um círio,  
Ao encontro de minha própria chama  
Em perigo.

Cruz de cinzas na frente,  
Roçar de fênix em casaco de inverno  
Que surpreende meu espírito adormecido,  
Svoboda, Elitza, Nova Iorque,  
Insólito renascimento da alma.

Fora, na rua,  
É a eternidade,  
A garoa prateada abre  
Nossos olhares claros,  
Nossos pensamentos nos surpreendem,  
Frescos, livres,  
Como no campo!

Recife, 04.05.1987

## Janela Clara

Pestanas,  
Portões dos seus olhos claros

Árvore  
Sombra  
Caminho

Um lugar de encanto na janela.

Recife, 31.01.1990

## Passagem

Olho pela janela da alma:  
No último recanto do jardim  
Surgem luzes antigas,  
Lembranças como borboletas,  
Confundidas com a sombra verde  
De uma planta esquecida, mas viva.

21.10.10

---

<sup>i</sup> Nascida em Recife, em 1963, **Mariana** começou a escrever na Argélia, onde morou com sua família durante o exílio de seus pais. Formada em Comunicação, lançou seu primeiro livro de poemas, *A Vida das Árvores*, em 2010. Leciona francês, é tradutora juramentada, e pratica terapias alternativas. Prepara seu segundo livro, *Marcas d'Água*, de cujos poemas faz parte esta seleção.